



Cortes. Os vários golpes nas mãos foram feitos a retirar os maços de jornais da carrinha. Conduzido por Florindo Sousa, foi o último veículo a sair da gráfica, em Pêro Pinheiro, à 05.00, para distribuir, por Lisboa, cerca de 14 mil dos 140 mil jornais impressos durante a noite. No Cais do Sodré, foram entregues 6000 jornais por sete pessoas



Excepção. Talvez apercebendo-se da presença da repórter fotográfica, que se escondia atrás de uma paragem de autocarro, o homem da imagem desviou-se do seu trajecto para vir buscar um jornal e brincar. Mas a maior parte das pessoas passa sem parar, muitas mesmo sem levantar sequer o olhar. A todas as que aceitam um 'Global Notícias', e que mesmo assim não são poucas, os distribuidores oferecem-lhes também um bom dia.

avançada. E é tudo, enquanto o tempo vai passando devagar.

“No trânsito é sempre a despachar”

“É só teres atenção ao sinal [de trânsito]”, explica-me José, “e fugires quando mudar para verde”. Aos 59 anos, e apesar de já estar reformado, faz parte da equipa a que me juntei, e que todas as manhãs, de segunda a sexta-feira, distribui o gratuito da Controlinveste (grupo que detém o DN) na zona

do Cais do Sodré. “Dá para as despesas, para tabaco e para uma cerveja de vez em quando”, explica-me. “Recebo cerca de 50 contos”, ou seja, à volta de 250 euros na moeda nova. José distribui o *Global Notícias* praticamente desde o princípio, há quase um ano. “Fazemos muitas amizades aqui”, diz José, e o que “é preciso é ter simpatia”.

A frase do ex-combatente da Guiné, que levo comigo para o meio da estrada, perde sentido à medida que vou avançando pela faixa de rodagem, por entre os muitos carros parados, frente ao semáforo vermelho. Não há tempo para mais do que um “bom dia”. Como é possível alguém fazer amizade assim? Se me atraso, Marcos, o brasileiro que distribui o *Meia Hora*, passa-me à frente. E depois? Depois vem o rapaz do *Destak*, logo atrás. Se me passa, vai ser ainda mais difícil convencer os automobilistas a aceitarem também o meu jornal. Tenho de ser rápido e, se possível, tentar andar sempre à frente dos outros, penso eu.

Mas penso mal. Rapidamente me apercebo de que praticamente todos os condutores querem o meu jornal, chegue em primeiro ou em último, venha eu à frente ou atrás. Na verdade, praticamente todos os condutores querem... todos os jornais. “É sempre a despachar”, explica José. E é verdade. O contraste face a quem anda a pé, vindo do metro ou do barco, é abissal. Aqui, no meio da faixa de rodagem da Avenida 24 de Julho, todos querem informar-se. Resta saber se vão mesmo ler o jornal, ou se vão apenas aproveitar para passar os olhos por uma ou duas “gordas”, procurando enganar o tédio nos engarrafamentos e nos semáforos. Independentemente disso, a verdade é que a pilha de jornais vai diminuindo mais rapidamente do que em qualquer outro lugar. E o trabalho vai-se fazendo.

Verde. É preciso sair dali. Enquanto vou inalando o fumo dos escapes dos automóveis que começam a arrancar ao meu lado, faço sinal a um condutor, avisando-o de que quero fugir para a placa central. Ao mesmo tempo, na faixa do meio, um outro automobilista apita e coloca o braço de fora da janela. Compreendo a intenção. Quer um jornal e, naquela fracção de segundo, decido tentar ajudá-lo.

Os carros começam a passar ao meu lado a uma velocidade mais elevada do que o desejável. Sinto-me numa qualquer prova de desporto radical, e a ansiedade leva-me a deixar cair um jornal. Baixo

-me para o apanhar. Nesse preciso momento, tenho a certeza de que é a última vez que fico no meio da estrada depois de o sinal mudar. Tenho de resistir à tentação de querer ajudar quem apenas se quer informar. Estes homens deviam receber um suplemento de risco, ou qualquer coisa do género, penso. Junto à entrada do metro é mais seguro. O único cuidado a ter é afastar-me daquele que, em vez de oferecer jornais, os vende. “Em frente ao quiosque, não!”

“É mal pago para caramba”

De volta ao passeio, aproveito para recuperar o fôlego, e para fumar um cigarro. “Enquanto se distribui, não convém”, já me tinha explicado Alexandra. Ao meu lado está outro brasileiro, com quem meto conversa. Leandro segura uma bandeira vermelha, com publicidade a um espaço comercial, e vai brincando com os transeuntes. “Eh, touro”, diz a quem passa demasiado perto. Pergunta-me quanto ganho. Pouco mais de dez euros por cerca de três horas de trabalho, respondo-lhe. “É mal pago para caramba”, diz-me o jovem. Na verdade, não ganha muito mais do que isso. “A mim pagam-me 12 euros por três horas, mas só tenho de ficar aqui quieto, a segurar a bandeira”, confessa-me. Mal pago também, penso eu, mas não digo nada. Prefiro perguntar-lhe se faz mais alguma coisa, já que vai ter a tarde livre. “Não, só isto, preciso de arrumar trabalho”, admite. “Você sabe de alguma coisa?”

São quase 10.30. Florindo Sousa, com quem me tinha encontrado cinco horas antes na Gráfica Funchalense, em Pêro Pinheiro (Sintra), está de volta, para vir recolher os suportes em que se transportam as pilhas de jornais. Ao seu lado está José, a fumar um cigarro. “Se quiser trabalho, está contratado”, diz-me Florindo. Pergunta-me se quero tornar a fazer a volta pelos pontos de distribuição. Recuso. Digo-lhe que tenho de regressar à redacção. Na verdade, só consigo pensar em lavar as mãos e a cara, suada. A sede, de que Alexandra se queixava, começa também a tornar-se insuportável. Tenho a boca seca. Não bebo nada há mais três horas. Além disso, os pingos de suor escorrerem-me costas abaixo. Não, não quero dar nem mais um volta. Já chega. Devo ter entregue perto de meio milhar de jornais. Talvez menos. Talvez mais. Preciso de descansar. Levo comigo um exemplar do *Global Notícias*. Na primeira página, leio pela primeira vez um dos destaques: “Vida ainda mais difícil para os portugueses (...) com aumentos da inflação e do desemprego.” Lembro-me das palavras de Alexandra: “É a vida, Filipe, é a vida.” ■

Mercado dos jornais gratuitos está em expansão

Aos 78 anos, José Bonifácio entrega jornais gratuitos às pessoas que com ele se cruzam, no Chiado, em Lisboa, “porque a vida não está fácil”. São alguns os reformados que, na companhia de outros portugueses mais jovens, e de brasileiros, alguns ilegais, escoam milhares de exemplares dos vários jornais gratuitos em algumas capitais de distrito, com maior incidência em Lisboa e no Porto. De segunda a sexta, são distribuídos títulos como o *Global Notícias*, o *Destak*, o *Metro*, o *Meia Hora*, o *OJE* e o *Sexta*. Apesar das dificuldades que Bonifácio diz enfrentar, a vida parece sorrir a estas publicações. De acordo com dados da Mediamonitor, os jornais gratuitos facturaram quase 70 milhões de euros em publicidade em 2007. Valor que fica ainda longe do investimento no total da imprensa, de cerca de 817 milhões, mas uns consideráveis 209% acima do investimento realizado em 2006 no segmento. Além disso, é importante salientar que muitos dos títulos gratuitos só foram lançados na recta final do ano passado. Algo que leva a crer que as receitas publicitárias possam vir a ser ainda mais elevadas no ano de 2008. Os anunciantes demonstram-se interessados em continuar a apostar no segmento, já que o público parece aderir ao formato. “Já não basta descontar o que desconto, para ainda ter de comprar jornais”, dizia-me na 5.ª-feira um homem, estendendo a mão para receber o *Global Notícias*.

Aos 78 anos, José Bonifácio distribui jornais. “Porque a vida não está fácil”



Sul. Junto à estação fluvial da Transtejo, poucos são os que aceitam o 'Global Notícias', porque já o leram. É o único gratuito distribuído em Cacilhas, na Margem Sul.

